

**Homens pretos choram e amam:
O lirismo na Literatura Negra e/ou Afro-brasileira**

**Black men cry and love:
Lyricism in Black and/or Afro-Brazilian Literature**

Sabrina Silva Souza

RESUMO: O objetivo deste artigo é fazer uma breve análise do poema *Mano Brown também ama*, de Lucas Litrento, contrapondo à crônica “Meia Noite”, do livro *Homens pretos (não) choram*, de Stefano Volp. Estes autores fazem parte da nova geração de escritores brasileiros, que não se encaixam no chamado cânone literário tradicional e que, embora também pratiquem uma literatura de engajamento, buscam dar voz à uma literatura dissonante, ou seja, a uma literatura de invenção que foge, em sua finalidade, do que é, tradicionalmente, esperado de autores negros. Com uma lírica inovadora, suas narrativas além de desafiar os leitores a confrontar as realidades do racismo, da desigualdade, de vozes historicamente silenciadas, abrem espaço para discussões acerca das subjetividades do homem negro. Para entendermos essas questões, teremos que abordar e contrapor os conceitos de sistemas dominantes e dissonantes, de literatura afrodiáspórica com sua poética de engajamento e resistência, opondo-se ao conceito de literatura errante, com sua poética de invenção e deslocamento; bem como os conceitos de “Enracinèrrance” (Jean-Claude Charles, 2022) e Minorias Cognitivas (Peter Berger, 1996), além das contribuições de Edimilson de Almeida Pereira (2022), bell hooks (2022), Frantz Fanon (2008), Homi Bhabha (1998).

Palavras-chave: Literatura Afrodiaspórica; Literatura Negra e/ou Afro-brasileira; Literatura Dissonante.

ABSTRACT: The aim of this article is to present a brief analysis of the poem *Mano Brown também ama*, by Lucas Litrento, in contrast with the chronicle “Meia Noite,” from the book *Homens pretos (não) choram*, by Stefano Volp. These authors belong to a new generation of Brazilian writers who do not fit within the so-called traditional literary canon and who, although also engaged in politically committed literature, seek to give voice to a dissonant literature—one of invention that diverges, in its purpose, from what is traditionally expected of Black authors. With innovative lyricism, their narratives not only challenge readers to confront the realities of racism, inequality, and historically silenced voices, but also create space for discussions on the subjectivities of Black men. In order to address these issues, we will consider and contrast the concepts of dominant and dissonant systems; of Afrodiásporic literature, with its poetics of engagement and resistance, opposed to the concept of errant literature, with its poetics of invention and displacement; as well as the notions of “Enracinèrrance” (Jean-Claude Charles, 2022) and Cognitive Minorities (Berger, 1996), in addition to the contributions of Edimilson de Almeida Pereira (2022), bell hooks (2022), Frantz Fanon (2008), and Homi Bhabha (1998).

Key words: Afrodisporic Literature; Black and/or Afro-Brazilian Literature; Dissonant Literature.

A raiz da literatura negra-brasileira – uma estética afrodispórica

A literatura negra-brasileira constitui um dos espaços mais pulsantes da criação literária contemporânea, atravessando fronteiras entre denúncia, resistência e invenção estética. Tradicionalmente compreendida sob o viés do engajamento político e social, essa produção foi, por muito tempo, recebida sobretudo a partir de sua função de denúncia do racismo e das desigualdades históricas.

Essa perspectiva, embora essencial, tende a limitar a recepção crítica e acadêmica ao circunscrever a produção de escritores negros a uma função primordialmente militante. Contudo, nas últimas décadas, observa-se o florescimento de vozes que, sem abdicar da dimensão política, deslocam essa expectativa ao explorarem a subjetividade, o lirismo da vida cotidiana e a poética da invenção, afirmando outras formas de existência e criação literária, como na crônica e poema escolhidos.

É nesse horizonte crítico que o presente artigo se insere, dialogando com debates que problematizam as noções de pertencimento, deslocamento e dissonância no campo literário. Para tanto, mobiliza-se, em um primeiro momento, um conjunto de categorias teóricas fundamentais — literatura afrodispórica, literatura errante, o conceito de *Enracinèrance*, formulado por Jean-Claude Charles (2022), e a noção de Minorias Cognitivas, proposta por Peter Berger (1996). Em seguida, esses referenciais são articulados à análise da crônica e do poema selecionados, buscando evidenciar como tais produções tensionam expectativas críticas consolidadas e afirmam poéticas que conjugam engajamento e invenção estética.

Esse deslocamento evidencia a vitalidade da literatura dissonante, compreendida como um “cânone de ruptura”, de acordo com Edimilson de Almeida Pereira (2022a), que tensiona o campo literário ao ampliar matrizes culturais e abrir outras possibilidades de criação. No artigo “Territórios cruzados: relações entre cânone literário e literatura negra e/ou afro-brasileira”, Pereira (2022b, s.n.) discorre sobre duas vertentes de produção literária que emergem desse cânone de ruptura, “a primeira vinculada à experiência histórica e social do autor, e a segunda, à produção do texto como lugar de reflexão acerca dessa experiência”. Embora ambas as vertentes se entrelacem, é na segunda que se concentrará este artigo.

A literatura afrodiáspórica é marcada pelo viés do engajamento, pela resistência e luta de povos historicamente silenciados. Autores afrodiáspóricos, através de sua poética, desafiam o cânone literário e buscam preservar e divulgar a sua herança cultural, que tradicionalmente foi marcada pela oralidade. Essa escrita busca resgatar a memória coletiva de seus povos.

Cabe, desse modo, ressaltar a importância da memória coletiva, uma vez que, conforme afirma Maurice Halbwachs (2006), a memória não é um fenômeno estritamente individual, mas socialmente construída e vivenciada no interior dos grupos. Trata-se, portanto, de uma memória compartilhada, que se atualiza nas práticas, nos rituais e nas narrativas coletivas.

A memória é fruto dos testemunhos de uma época, remontando sempre a um presente em movimento. A memória coletiva é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém (Halbwachs, 2006). Porém, para que as experiências vividas e a tradição não se percam é preciso registrar por escrito essas memórias, nesse contexto, a escrita afrodiáspórica foi sendo cada vez mais disseminada. Exemplos emblemáticos incluem a literatura de autores como Chinua Achebe e Honorat Aguessy, cujas obras abordam diretamente questões de raça, identidade e opressão. É pertinente destacar *Introdução à cultura africana*, de Honorat Aguessy (1980), na qual o autor problematiza os conceitos de tradição e identidade africana a partir dos impactos históricos do colonialismo, da escravidão e da cristianização forçada. De forma convergente, Chinua Achebe, em *O Mundo se Despedeça* (2009), representa a tradição não como herança estática, mas como um espaço de conflito e resistência diante da opressão colonial.

De acordo com Achebe, citado por Feuser (1979), a tradição não deve ser compreendida como uma “necessidade absoluta e inalterável”, mas como uma das faces de uma dialética em constante evolução, sendo a outra o imperativo da mudança. Em consonância com essa perspectiva, Aguessy (1980) afirma que a tradição se encontra em permanente transformação, uma vez que é atravessada por uma cultura transmitida de geração em geração, opondo-se, assim, às concepções fixistas que a reduzem a um legado imobilizado do passado.

Contudo, devemos ressaltar uma outra modalidade de escrita que nos interessa, que é a literatura errante, representada pela poética de invenção e de deslocamento, migração e exílio. A poética de invenção presente na literatura errante valoriza a

multiplicidade de identidades e a criação de novas formas de expressão que vão além do cânone literário estabelecido. É importante que entendamos o conceito de “entre-lugar cultural” no qual o escritor errante está inserido e os problemas que surgem com esses deslocamentos, como a questão da língua e da noção de pertencimento, por exemplo.

Para tal, recorreremos à Cassin (2022), que na obra *Elogio da Tradução*, discorre sobre esses conceitos, levando em conta o problema dos refugiados. A autora acredita que a tradução é essencial na integração e acolhimento desses grupos, que são obrigados a deixar os seus países de origem, na maioria das vezes, para garantir a própria sobrevivência. Derrida citado por Cassin (2022, p. 56) nos diz: “Tenho apenas uma língua e, ao mesmo tempo, de modo singular e exemplar, essa língua não me pertence”. A língua “não pertence”, pois ela é falada por outros, que também a “tem” ou, antes, que têm outra. Dizer que uma língua não pertence permite desvincular língua e povo, desnacionalizar a língua. Deste modo, podemos entender uma literatura errante como uma literatura desnacionalizada, que está em trânsito, assim como o sujeito da diáspora.

O escritor haitiano Jean Claude-Charles (2022) criou o conceito *Erracínérance* que “é deliberadamente um oxímoro: leva em conta tanto a raiz quanto a errância; fala tanto da memória das origens quanto das novas realidades da migração”¹. De acordo com Pereira (2016), a experiência poética é marcada por uma tensão “enraizerrante”, que revela como aquilo que nos fixa no tempo, no espaço e na vida — tanto individual quanto coletivamente — apenas o faz por estar em constante movimento e transfiguração.

Já o conceito de Minorias Cognitivas, proposto pelo sociólogo Peter Berger (1996) na obra *Rumor dos Anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*, refere-se a grupos que compartilham um sistema de crenças ou uma visão de mundo distinta da dominante em uma determinada sociedade. Essas minorias — como as representadas pelas literaturas feminina, indígena, afrodescendente, homoerótica — são constantemente desafiadas a manter suas convicções em um ambiente que lhes impõe conformidade. Sua poética, por isso, emerge como resistência e reafirmação, buscando dar voz aos sujeitos historicamente silenciados. Autores inseridos nesses contextos insurgem contra as narrativas hegemônicas por meio de obras que afirmam suas identidades, subjetividades e olhares singulares sobre temas universais da literatura, como o amor, o sofrimento e o cotidiano.

¹ CHARLES, Jean-Claude. Enraizerrância [L'Enracinerrance]. Nota introdutória de Gabriel Gorini. Tradução de Cecilia Sá Cavalcante Schuback. Revista USINA, 2023. Disponível em: <https://revistasina.com/2023/04/20/enraizerrancia/>. Acesso em: 08 out. 2025.

No capítulo “Literatura e Subdesenvolvimento”, de *A Educação pela Noite* (2011), Antonio Candido reflete sobre as dificuldades e os desafios enfrentados pela produção literária em contextos de subdesenvolvimento, como o Brasil e outros países latino-americanos. Candido (2011) discute como o escritor neste contexto enfrenta uma tensão entre o desejo de criar obras de valor universal e a necessidade de dialogar com as urgências locais e sociais. Essa situação, muitas vezes, força a literatura a assumir um papel de engajamento, voltado para a denúncia de desigualdades e injustiças, o que pode limitar a liberdade criativa em favor de uma função quase pedagógica ou política.

É justamente nesse ponto que a reflexão de Pereira (2022c) se aproxima e, ao mesmo tempo, desloca a perspectiva candiana. Ao pensar a literatura negra e/ou afro-brasileira, Pereira recupera a noção de Candido da literatura como “instrumento de comunicação entre os homens”, destacando que, nesse campo específico, a dimensão comunicativa e social assume centralidade. Pereira (2022c) ressalta que a ênfase no engajamento — tal como formulado por Jean-Paul Sartre — não implica empobrecimento estético, mas resulta de uma experiência histórica marcada pela exclusão, pelo silenciamento e pela necessidade de afirmação identitária.

Assim, enquanto Candido analisa o engajamento como um efeito estrutural do subdesenvolvimento, frequentemente vivido como tensão ou limitação da liberdade criativa, Pereira o reinscreve como estratégia de (r)existência e de enunciação, sobretudo no âmbito da literatura negra e/ou afro-brasileira. Ambos convergem ao reconhecer que a literatura não se separa da vida social; divergem, contudo, na valoração dessa relação: em Candido, ela aparece como dilema histórico da forma literária; em Pereira, como gesto afirmativo, em que a literatura engajada se torna um espaço de reinvenção simbólica por parte do sujeito negro.

Faz-se necessário abordar uma discussão acerca da nomenclatura utilizada para definir a produção literária de autoria negra, no Brasil. Esta assume uma postura diversa da literatura de autoria branca, como explicado por Cuti (2010, p. 33): “a produção literária de negros e brancos, abordando as questões inerentes às relações interraciais, tem vieses diferentes por conta da subjetividade que a sustenta, em outras palavras, pelo lugar socioideológico de onde esses autores produzem”. Portanto, as formas de pensar e sentir as experiências emocionais constituiriam o “aporte para a verossimilhança da literatura negro-brasileira” (Cuti, 2010, p. 87- 89).

Cuti (2010) prefere denominar a produção literária “dos que se assumem como negros em seus textos” (p. 16) de negro-brasileira. Para o autor os termos “afro-brasileiro e afrodescendente são expressões que induzem a um discreto retorno à África” (p. 16), o que afastaria a literatura de autoria negra da literatura do Brasil.

Em artigo intitulado “Por um conceito de literatura afro-brasileira”, Eduardo de Assis Duarte (2024) define a literatura afro-brasileira pela presença de uma voz autoral afrodescendente, com abordagem de temas ligados à negritude e por marcas linguísticas que expressam uma afro-brasilidade própria. Mais do que isso, caracteriza-se pela escolha de um ponto de vista enunciativo que se afirma política e culturalmente, a partir da experiência negra.

Já Edimilson de Almeida Pereira (2022c) afirma que a literatura afro-brasileira integra a tradição fraturada da literatura brasileira e denomina essa produção de “literatura negra e/ou afro-brasileira” (Pereira, 2022a, p. 26).

Nesse sentido, cabe dialogar, novamente, com Pereira acerca das duas frentes que a literatura negra e/ou afro-brasileira atuam: a política-social e a literária. Pereira (2022a) aponta que a primeira vertente está vinculada às lutas contra o colonialismo africano, contra o racismo enfrentado pelos negros na Europa e nas Américas, bem como à defesa dos direitos humanos dessas populações e do respeito ao seu patrimônio cultural. Já a segunda “se abriu para os poetas se expressarem, do ponto de vista dos negros, a trajetória existencial do sujeito negro, sua luta contra a discriminação e suas experiências estéticas” (Pereira, 2022a, p. 31).

Litreto e Volp – por uma literatura afetiva

Tendo estabelecido essa fundamentação teórica, essencial para a leitura crítica que se seguirá, passamos à análise do poema “Mano Brown também ama”, de Lucas Litrento, publicado no livro *Os meninos iam pretos porque iam* (2019). Além de escritor, atua também como cineasta e produtor cultural, sendo integrante dos coletivos Mirante Cinecube e Pernoite. Sua obra, atravessada por experiências pessoais e coletivas, nos oferece um rico material para pensar os afetos negros e as novas formas de enunciação poética que desafiam tanto os estereótipos coloniais quanto os modelos engessados de representação da masculinidade.

Acerca do livro *Os meninos iam pretos porque iam*, do qual é retirado o poema que será analisado, Edimilson de Almeida Pereira, em crítica intitulada “Os olhos não veem aquilo que veem”,² ressalta a relevância do livro, aproximando-o a uma escrita de invenção que privilegia o lirismo, como vimos apontando ao longo do artigo.

Do muito que se pode dizer sobre *Os meninos iam pretos porque iam* há dois aspectos que precisam ser mencionados: o primeiro diz respeito ao tensionamento entre elementos históricos, literários e musicais que fazem o livro ecoar na cabeça do(a) leitor(a) que estiver propenso(a) a vivenciar sensações não inscritas nos arquivos da lírica ocidental. O segundo aspecto expõe uma alquimia lírica renovadora, na qual fluências surrealistas e afrodiáspóricas desenham um território ainda pouco percorrido na poesia brasileira. Esses traços nos dão a certeza de que aquilo que a leitura inicial do livro nos oferece é um indício de ações e pensamentos complexos que estão à espera para serem desvendados (Pereira, 2022b, s/n).

Em seguida, inserimos na íntegra o poema “Mano Brown também ama”:

Mano Brown também ama

canalizar a raiva
escrever *punchlines*
enquanto tocam jazz

escrever como jazz
não parar até que a meia volta do acorde
tore no meio do solo
soar como jazz no pífano

mostrar que a cor da raiva não é escura
porque fazem amor no escuro
e assistem filmes

que não é apenas raiva
se é apenas raiva
fizeram assim
sem mexer um músculo
fizeram assim
criando monstros

compor sambas
porque sabe dançar

virar poeta pra mostrar
que não é feito apenas de raiva

sorrir como Brown
vestido de ouro
cantando soul (Litrento, 2019, p. 56-57)

² Crítica publicada no site da Livraria Megafauna, em 17 de julho de 2022.

O tom e o ritmo que Lucas Litrento (2019) imprime ao poema “Mano Brown também ama” nos remete ao lirismo da vida cotidiana e às imposições que recaem sobre o corpo e a subjetividade do homem negro periférico. O poeta tensiona, por meio da linguagem, um sistema hegemônico-capitalista-branco-racista que (ainda) insiste em confinar o homem negro a um estereótipo de invulnerabilidade, força e distanciamento das emoções mais delicadas.

Ao construir um eu-poético que reivindica o direito à ternura, ao sorriso e ao amor, o poema se inscreve no campo da literatura dissonante, rompendo com as normas e expectativas das narrativas dominantes — com base nos conceitos de Bhabha (1998), Fanon (2008, 2022) e bell hooks (2022) que abordaremos, posteriormente, neste artigo.

A humanização do homem negro por meio da poesia não apenas desafia os discursos coloniais de objetificação, como também reposiciona a experiência negra no campo da multiplicidade afetiva. Ao reivindicar o direito ao afeto, ao prazer e à leveza, Litrento amplia o espectro das representações possíveis para sujeitos negros na literatura, propondo, portanto, uma resistência estética tão potente quanto a denúncia explícita.

Em agosto de 2024, em entrevista dada a mim, não publicada, mas registrada neste artigo, Lucas Litrento comentou que transita conscientemente entre duas frentes literárias: a escrita de engajamento e a escrita de invenção. Reconhece a importância de denunciar o racismo e as mazelas sociais impostas às chamadas minorias cognitivas, mas também afirma seu desejo de explorar temas universais e íntimos, como o amor, o sofrimento e a vulnerabilidade. Tal posicionamento reforça o pensamento de Pereira (2022a), ao apontar que a literatura negra e/ou afro-brasileira não se esgota no viés político-social, mas também se realiza no campo do lirismo e da subjetividade.

Litrento compartilhou, ainda, que o poema analisado funciona como uma espécie de ponte em seu livro *Os meninos iam pretos porque iam*. Ele liga, simbolicamente, duas partes distintas: a primeira, marcada por “poemas de guerra ou de denúncia”, e a segunda, composta por poemas de amor. “Por mais que escreva poemas sobre resistência, não quero ficar preso a uma eterna denúncia ou repetição”, afirmou o autor. É nesse contexto que insere a imagem simbólica de Mano Brown — ícone da resistência — sorrindo e “vestido de ouro”, referência a uma homenagem à Brown que Litrento presenciou, e que lhe inspirou os versos finais do poema: “sorrir como Brown/ vestido de ouro/ cantando soul”.

Essa imagem é reveladora: trata-se de um gesto estético que reconfigura o próprio símbolo da resistência. Se Mano Brown, líder dos Racionais MC's, figura central na construção da consciência racial no Brasil, também pode cantar *soul* e sorrir — então o homem negro pode sim, amar, dançar, emocionar-se, sem que isso signifique abrir mão da resistência. Litrento nos aponta para esse deslocamento ao citar, na entrevista, o álbum “Boogie Naipe”, de 2016, no qual Brown se afasta do rap-denúncia para compor canções que evocam os bailes blacks dos anos 70 e 80. Com esse gesto, não apenas homenageia o romantismo negro, mas escancara a possibilidade de outros modos de existência — menos previsíveis, mais livres.

“A ideia é não se acomodar nesse lugar mais comum que nos colocam como artistas negros. É poder fazer coisas diferentes”, conclui Litrento. Dessa forma, conseguimos observar na obra do autor uma lírica inovadora e dissonante, que abre espaço para discussões acerca das subjetividades do homem negro — para muito além da resistência —, ainda que sem abdicar da luta contra o racismo colonialista.

Essa ampliação do debate em torno das experiências negras se faz urgente, pois, como aponta Bhabha (1998), o discurso colonial constrói o colonizado como um “tipo degenerado” (p. 111), justificando, assim, sua dominação. Tal mecanismo, ainda que ressignificado, permanece ativo nos dias de hoje. Vivemos, segundo o autor, um tempo em que o estereótipo opera como uma máscara da diferença, disfarçando a opressão sob uma falsa neutralidade.

Frantz Fanon (2008) afirma que o sujeito negro é reduzido a um objeto pelo olhar branco, que o aprisiona em uma identidade essencializada e rígida. Em vez de reconhecimento, esse olhar produz uma forma de identificação que nega a historicidade e a temporalidade do negro, fixando-o como algo estático, alheio aos processos históricos e sociais. Em *Os condenados da terra* (2022) o autor alerta que “durante anos ainda teremos que cuidar das múltiplas feridas, por vezes indeléveis, causadas a nossos povos pela onda colonialista” (Fanon, 2022, p. 251).

Reiterando essa crítica, bell hooks (2022) no livro *A gente é da hora: homens negros e masculinidades* argumenta que, mesmo sendo instruído e consciente, o homem negro ainda é alvo da desconfiança promovida pela cultura popular. Seu corpo e sua presença são lidos, muitas vezes, a partir de estereótipos que desumanizam e inviabilizam sua complexidade subjetiva, especialmente no que diz respeito às emoções e à afetividade.

É nessa discussão que se torna fundamental refletir sobre a problemática emocional do homem negro. Para isso, analisaremos trechos de uma crônica do livro *Homens pretos (não) choram*, de Stefano Volp, em diálogo com o poema “Mano Brown também ama”, de Lucas Litrento. Ambas as obras propõem um deslocamento das imagens tradicionais de virilidade e força, lançando luz sobre a sensibilidade negra e questionando os limites impostos por uma sociedade que condiciona a masculinidade à insensibilidade e ao silenciamento afetivo.

Assim como o poema de Lucas Litrento, que desloca o homem negro do estereótipo da dureza e da violência para a esfera da ternura e do afeto, a crônica “Meia Noite”, do escritor Stefano Volp (2022), intensifica esse movimento de reposicionamento sensível, ao propor uma narrativa atravessada por dores ancestrais e curas possíveis. Além de escritor, Volp é também jornalista e sempre teve o desejo de trabalhar com as palavras. Em entrevista à *Revista Rolling Stone*, em 5 de março de 2021, afirma que seu livro *Homens pretos (não) choram*³ tem como objetivo falar sobre a sensibilidade do homem negro — algo que, para ele, ainda soa como um paradoxo numa sociedade que historicamente animaliza os corpos negros. A proposta do autor é clara: combater essa lógica violenta que impõe ao homem negro a negação de suas emoções, dores e fragilidades.

Volp afirma, ainda, à *Revista Rolling Stone*, que seu livro é um “livro político”, composto por “histórias políticas, corpos políticos”. O autor acredita que, caso vivêssemos em uma ditadura, sua obra seria censurada, já que “toca em aspectos que as pessoas não querem falar”. A afirmação nos remete diretamente ao conceito de Minorias Cognitivas, de Peter Berger (1996), pois Volp, escritor negro e assumidamente homossexual, se inscreve com sua escrita em um campo discursivo dissidente, que desafia a normatividade cultural ao afirmar a complexidade emocional do homem negro. Essa subjetividade que, conforme Fanon (2008) e bell hooks (2022), é sistematicamente negada ou lida com desconfiança pela cultura branca dominante.

A crônica escolhida para análise, “Meia Noite” (Volp, 2022, p. 103-107), foi destacada pelo próprio autor como a mais sensível e pessoal do livro. Volp revela, na mesma entrevista, que não consegue lê-la em voz alta por ser tomado de forte emoção, remetendo-o à própria infância. A narrativa acompanha Uba, um homem negro e gay que

³ Na ocasião da entrevista, o livro *Homens Pretos (não) choram* estava em sua 1ª edição. A edição utilizada para a análise, neste artigo, é a segunda que teve o prefácio escrito por Jeferson Tenório.

acorda pouco antes da meia-noite do Dia dos Pais — “o dia mais feliz de agosto”, segundo ele —, e é transportado para uma memória dolorosa da infância, quando, aos 8 anos, tenta expressar carinho ao pai, Ubaldo, com um bilhete singelo e amoroso. A tentativa de afeto, no entanto, é recebida com indiferença e violência. O cartão é descartado no lixo e, em resposta, o pai o agride com um desentupidor de pia improvisado.

A dureza da cena descrita, na qual o menino entrega seu presente após levar um golpe e ouvir palavras frias, evidencia o bloqueio emocional que marca a figura paterna. Como escreve Volp (2022): “Ele amassou o cartão com as mãos, afagou a cabeça do filho num gesto que mais pareceu um tabefe e saiu pelo quintal desnorteado” (p. 106). Essa imagem reforça uma herança de silenciamentos e traumas que pesam sobre gerações de homens negros, historicamente privados do direito de expressar sentimentos sem que isso implique em perda de dignidade ou masculinidade.

No entanto, a crônica não termina no trauma. Em seu desfecho, Volp propõe um gesto de reparação simbólica e afetiva: o protagonista, agora adulto e pai, é surpreendido por um envelope deixado debaixo da porta por seu filho, Mathias. O conteúdo é um novo cartão com os dizeres: “Você é o melhor pai do mundo. Feliz Dia dos Pais” (p.107). A partir desse gesto, a narrativa encerra-se com um tom de alívio e redenção: “Ubaldo manteve o sorriso e seu coração preencheu com todas as cores daquele céu que ele nunca pôde observar” (p. 107). A frase final é emblemática: o pai, que nunca conseguiu expressar amor, é ressignificado no filho, que agora se permite ver o céu colorido — e no neto que não tem dificuldade em demonstrar seu carinho — o ciclo foi, dessa forma, quebrado, através dos sentimentos ressignificados.

Podemos observar, portanto, um potente paralelo intergeracional: o pai, Ubaldo, é marcado pela violência e pela repressão afetiva; o filho, Uba, rompe com esse ciclo ao assumir uma paternidade baseada na escuta, no afeto e na valorização dos vínculos. Esse movimento dialoga diretamente com os objetivos da literatura negra e/ou afro-brasileira em sua vertente de invenção, conforme apontado por Edimilson de Almeida Pereira (2022a). Ao narrar a experiência negra com lirismo e densidade emocional, Volp transforma sua escrita em um território de resistência e cura. Como nos lembra Conceição Evaristo, escrever é também um ato político — e afetivo.

Stefano Volp demonstra, em *Homens pretos (não) choram*, uma genuína sensibilidade como escritor ao construir crônicas de alta densidade emocional e estética — textos que, como ele mesmo diz, são capazes de “torcer a alma”. O autor incentiva

homens negros a olharem para a sua negritude a partir da perspectiva da vulnerabilidade e entenderem que sim, homens pretos podem (e devem) chorar. A dissonância aqui está na revalorização do afeto, do amor e da vulnerabilidade como quebra do estereótipo imposto sobre o homem negro.

Jeferson Tenório, no prefácio da segunda edição de *Homens pretos (não) choram*, afirma que, para o homem negro, o ato de chorar constitui uma forma de resistência. Ao destacar que “se o riso é um modo de resistir, aqui nessas narrativas, o pranto também é”, o autor amplia o campo dos afetos historicamente negados aos homens negros. O choro, nesse sentido, não se reduz à fragilidade, mas opera como um gesto político e simbólico, entendido também como “uma atualização da ancestralidade”.

Tal perspectiva dialoga diretamente com o pensamento de Frantz Fanon, para quem, aos homens negros, foi sistematicamente negada a possibilidade de experimentar plenamente seus afetos. Como observa Fanon, “o negro é um homem negro, isto quer dizer que, devido a uma série de aberrações afetivas, ele se estabeleceu no seio de um universo do qual será preciso retirá-lo” (Fanon, 2008, p. 26). Assim, o choro emerge como uma prática de recomposição subjetiva, capaz de romper com os regimes de silenciamento emocional impostos pelo colonialismo e pelo racismo estrutural.

Nesse sentido, como nos alerta Silva (2024), é necessário que os homens negros rompam com o ciclo tóxico da masculinidade branca hegemônica, reconstruindo-se a partir de uma identidade própria — não aquela imposta pela colonialidade —, mas aquela que se funda no afeto, no diálogo e na legitimidade de seus sentimentos. Essa proposta reverbera também no trabalho de Lucas Litrento, cuja poética tensiona a estética do enfrentamento ao incluir, sem reservas, o direito de sorrir, amar e ser vulnerável como parte da vivência negra.

Considerações finais

A leitura conjunta de “Mano Brown também ama”, de Lucas Litrento, e “Meia Noite”, de Stefano Volp, revela que a literatura negra e/ou afro-brasileira contemporânea, atravessada pela dissonância, não se limita à denúncia ou ao enfrentamento direto das estruturas coloniais. Ao contrário, ela expande suas possibilidades ao reinscrever o homem negro no campo do afeto, do lirismo e da vulnerabilidade. Ambos os autores, cada um a seu modo, deslocam o imaginário tradicional que insiste em fixar a

masculinidade negra na dureza e na invulnerabilidade, instaurando um espaço em que chorar, sorrir, amar e recordar se tornam gestos políticos de resistência e de cura.

Se Fanon e hooks denunciaram o aprisionamento do corpo negro nos estereótipos que o congelam, Litrento e Volp apontam caminhos para o seu descongelamento, permitindo que a subjetividade negra floresça em sua complexidade. Nesse sentido, tais obras instauram uma estética insurgente que se faz ao mesmo tempo engajamento e invenção: engajamento, porque contestam as máscaras coloniais que desumanizam; invenção, porque ousam imaginar novas cartografias identitárias, nas quais o homem negro se afirma pleno, múltiplo e contraditório.

Assim, a literatura dissonante aqui analisada não apenas amplia as representações da experiência negra, mas também abre fendas no tecido social e cultural, permitindo que novas formas de existir e sentir se inscrevam na história. Resistir, nesse horizonte, não é apenas enfrentar: é também acolher, amar e se reinventar. E é nessa oscilação entre a denúncia e a ternura que reside a potência maior desses textos — a de fazer da palavra um lugar de expressão e liberdade.

Referências

- ACHEBE, Chinua. *O mundo se despedaça*. Tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- AGUESSY, Honorat. Visões e percepções tradicionais. In: *Introdução à cultura africana*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- bell hooks. A gente é da hora: homens negros e masculinidade. São Paulo: Elefante, 2022.
- BERGER, Peter. *Rumor de Anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Tradução de Gláucia Renate Gonçalves, Eliana Lourenço de Lima Reis, Myriam Ávila. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CASSIN, Barbara. Elogio do Relativismo Consequente. In: *Elogio da Tradução: Complicar o Universal*. Tradução de Simone Petry e Daniel Falkembach. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2022, p. 97 a 175.
- CHARLES, Jean-Claude. Enraizerrânciam [L'Enracinerrance]. Nota introdutória de Gabriel Gorini. Tradução de Cecilia Sá Cavalcante Schuback. *Revista USINA*, 2023. Disponível em:

<https://revistausina.com/2023/04/20/enraizerrancia/>. Acesso em: 08 out. 2025. CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Literafro*, 2024. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>. Acesso em: 19 dez. 2025.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FEUSER, Willfried F.. “Entre a tradição e a modernidade: impressões sobre a literatura nigeriana (2ª parte)”. In: *África: Literatura – Arte – Cultura/ 3*. Lisboa: África Lda., Ano 1, Volume 1, jan-mar, 1979.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

LITRENTO, Lucas. Mano Brown também ama. In: *os meninos iam pretos porque iam*. Maceió: Graciliano Ramos, 2019.

MILLAN, Camilla. Com crônicas sensíveis, Homens pretos (não) choram quebra estereótipos enquanto Stefano Volp fala sobre masculinidade na ficção. Disponível em: [Com crônicas sensíveis, Homens pretos \(não\) choram quebra estereótipos enquanto Stefano Volp fala sobre masculinidade na ficção: ‘Quanto mais vulneráveis somos, mais se identificam’ \[ENTREVISTA\] - Rolling Stone Brasil](https://comunicacao.uol.com.br/estereotipos-homens-pretos-nao-choram-quebra-estereotipos-enquanto-stefano-volp-fala-sobre-masculinidade-na-ficcao-quanto-mais-vulneraveis-somos-mais-se-identificam-entrevista-rolling-stone-brasil). Acesso em: 22 ago 2025.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. A revanche do sagrado: entrevista com Edimilson de Almeida Pereira. Disponível em: <https://revistausina.com/2016/01/20/a-revanche-do-sagrado-entrevista-com-edimilson-de-almeida-pereira-2/>. Revista USINA, 2016. Acesso em: 08 out. 2025.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Entre Orfe(x)u e Exunouveau*. Análise de uma estética Afrodiaspórica na literatura brasileira. Suzano: Fósforo, 2022a.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Os olhos não veem aquilo que veem*. 2022b. Disponível em: <https://www.livrariamegafauna.com.br/colunistas/2022-2/edimilson-de-almeida-pereira/os-olhos-nao-veem-aquilo-que-veem/>. Acesso em: 22 ago 2025.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. Territórios cruzados: relações entre o cânone literário e literatura negra e/ou afro-brasileira. *Literafro*, 2022c. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/1035-territorios-cruzados-relacoes-entre-canone-literario-e-literatura-negra-e-ou-afro-brasileira1>. Acesso em: 27 set. 2025.

SILVA, Kelvin Jorge Batista. *Homens Pretos (Não) Choram: a quebra de ciclos para novas formas de masculinidades e de existir*. Disponível em: [Stefano Volp-Homens Pretos \(Não\) Choram: a quebra de ciclos para novas formas de masculinidades e de existir - Literatura Afro-Brasileira \(ufmg.br\)](https://www.ufmg.br/literatura-afrro-brasileira/2022/05/05/homens-pretos-nao-choram-a-quebra-de-ciclos-para-novas-formas-de-masculinidades-e-de-existir-literatura-afrro-brasileira-ufmg-br). Acesso em: 05 de set 2025.

VOLP, Stefano. Meia Noite. In: *Homens pretos (não) choram*. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2022.

Data de submissão: 01/10/2025
Data de aceite: 20/12/2025